

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

Pós-graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens

Daniela Simone Gil dos Santos

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

analisando suas contribuições na prática pedagógica

Curvelo
2025

Daniela Simone Gil dos Santos

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
analisando suas contribuições na prática pedagógica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pós-graduação lato sensu em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Campus Curvelo, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista, na área de concentração Ciências humanas ou linguagens.

Orientador(a): Profa. Me. Sinay Santos Silva de Araújo.

Curvelo
2025

Santos, Daniela Simone Gil dos.
S237c Contação de história na educação infantil : analisando as
contribuições na prática pedagógica / Daniela Simone Gil dos Santos. – 2025.
42 f. : il.

Orientadora: Sinay Santos Silva de Araújo.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Centro
Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de
Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Ciências Humanas e
Linguagens, Curvelo, 2025.

Bibliografia.

1. Educação infantil. 2. Aprendizagem. 3. Planejamento educacional. 4.
Oralidade na literatura I. Araújo, Sinay Santos Silva de. II. Título.

CDU: 373.3



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens
Departamento de Formação Geral
CEFET-MG – Campus Curvelo

DANIELA SIMONE GIL DOS SANTOS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANALISANDO AS
CONTRIBUIÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, Campus Curvelo, em 28 de abril de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso constituída pelos(as) professores(as):

Prof^ª. Mr^ª. Sinay Santos-Silva de Araújo – Orientador(a)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof^ª. Dr^ª. Cleide Maria de Oliveira Lovon Canchumani
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof^ª. Dr^ª. Marina Leite Gonçalves
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão significativo da minha jornada acadêmica, gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço a minha orientadora, Sinay Santos Silva de Araújo, pela orientação, paciência e sabedoria ao longo de todo o processo. Sua visão crítica e de encorajamento foram fundamentais para o desenvolvimento deste TCC.

Agradeço também aos meus professores e colegas, que sempre estiveram dispostos a compartilhar suas ideias e conhecimentos. As discussões em grupo e as trocas de experiências foram extremamente enriquecedoras e ampliaram minha visão sobre o tema abordado.

Sou grata à minha família, que sempre me apoiou e acreditou em mim. Sem o amor e a compreensão deles, este percurso teria sido muito mais difícil.

Por fim, agradeço a todos os participantes que contribuíram com suas histórias e experiências, permitindo que este trabalho se tornasse mais rico e significativo.

A todos, meu muito obrigada!

A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso. Pequenininha e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das Mil e uma noite. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com um voz que dava todos os tons às palavras.

(Menino de engenho – José Lins do Rego)

RESUMO

A contação de histórias na Educação Infantil é uma prática pedagógica essencial que contribui para o desenvolvimento integral das crianças. Este trabalho investiga como essa prática pode promover habilidades cognitivas, emocionais e sociais. A pesquisa abrange a importância histórica da narrativa oral, as metodologias de contação e os aspectos cognitivos e socioemocionais envolvidos. A contação de histórias não apenas enriquece o vocabulário e a compreensão linguística, mas também estimula a imaginação e a empatia, proporcionando um espaço seguro para a exploração emocional das crianças. Além disso, as histórias podem ser integradas de forma criativa ao currículo, facilitando a aprendizagem de diversas disciplinas. A formação contínua dos educadores é fundamental para a implementação eficaz dessa prática. Conclui-se que a contação de histórias deve ser uma prioridade nas práticas educativas, fortalecendo a formação de cidadãos críticos e conscientes, ao mesmo tempo que enriquece o ambiente escolar e promove uma cultura de leitura.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação Infantil. Desenvolvimento integral. Práticas Pedagógicas. Formação de educadores.

ABSTRACT

Storytelling in Early Childhood Education is an essential pedagogical practice that contributes to the integral development of children. This work investigates how this practice can promote cognitive, emotional and social skills. The research covers the historical importance of oral narrative, storytelling methodologies and the cognitive and socio-emotional aspects involved. Storytelling not only enriches vocabulary and linguistic comprehension, but also stimulates imagination and empathy, providing a safe space for children's emotional exploration. In addition, stories can be creatively integrated into the curriculum, facilitating the learning of various subjects. Continuous training of educators is essential for the effective implementation of this practice. It is concluded that storytelling should be a priority in educational practices, strengthening the formation of critical and conscious citizens, while enriching the school environment and promoting a culture of reading.

Keywords: Storytelling. Early Childhood Education. Integral Development. Pedagogical Practices. Educator Training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 O problema de pesquisa	12
1.2 Os objetivos da pesquisa	13
1.3 Justificativa da pesquisa	13
1.4 Metodologia	14
2 BREVE HISTÓRICO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	16
2.1 O papel do contador	17
3 IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL...	20
3.1 A contação de histórias como estratégia para formação de leitores	20
3.2 A contação de histórias como prática pedagógica significativa	23
3.3 A contação de histórias como estratégia pedagógica	30
4 O REPERTÓRIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL...	34
4.1 Contação de histórias e literatura infantil: desenvolvimento da leitura e da escrita.	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
6 REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é reconhecida como uma fase importante no desenvolvimento integral da criança, sendo o primeiro contato com a educação formal e também responsável por preparar o terreno para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

Nesse contexto, a prática de contar histórias na Educação Infantil desperta a curiosidade das crianças, estimula sua imaginação e promove o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico. Além disso, permite que elas vivenciem e expressem diferentes emoções, que vão da alegria ao medo e angústia, contribuindo para que enfrentem e compreendam seus próprios conflitos emocionais, o que alivia possíveis sobrecargas afetivas. Abramovich (1997, p. 22) argumenta que,

Se é importante para o bebê ouvir a voz amada e para a criança pequenina escutar uma narrativa curta, simples, repetitiva, cheia de humor e de calidez (numa relação a dois), para a criança de pré-escola ouvir histórias também é fundamental (agora numa relação a muitos: um adulto e várias crianças).

A autora enfatiza a importância da contação de histórias em diferentes estágios do desenvolvimento infantil. Para os bebês, a audição da voz de uma pessoa querida é importante, pois essa conexão emocional proporciona segurança e afeto. À medida que as crianças crescem, elas se beneficiam de narrativas curtas, simples e repetitivas, que não só entretêm, mas também fomentam o humor e a afetividade em um ambiente íntimo. Já para as crianças em idade pré-escolar, a escuta de histórias se torna essencial em um contexto grupal, onde um adulto narra para várias crianças ao mesmo tempo. Essa dinâmica coletiva amplia as oportunidades de interação social, favorecendo o aprendizado e a imaginação, além de fortalecer vínculos afetivos e estimular a curiosidade por novas experiências e conhecimentos. Das estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas nesse período, a contação de histórias se destaca como uma prática que promove não apenas o entretenimento, mas também a ampliação da linguagem, o estímulo à criatividade e a construção do pensamento crítico. A literatura infantil, aliada à prática da narração de histórias, cumpre o papel de facilitar o processo de socialização e o desenvolvimento intelectual das crianças desde os primeiros anos de vida. Essa perspectiva ressalta que a contação de histórias vai além do aspecto lúdico, possuindo um impacto significativo na formação das crianças.

A prática de contar histórias desempenha um papel fundamental no incentivo à leitura e no desenvolvimento da linguagem, servindo como um verdadeiro passaporte para a escrita. Além disso, ela estimula o pensamento crítico e permite que a criança sonhe.

Os contadores de histórias atuam como mediadores nesse processo, com a importante responsabilidade de engajar as crianças nas narrativas, trazendo à tona seus sonhos e despertando suas emoções, enquanto as transportam para um universo de fantasia.

Ler histórias para crianças sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com jeito de escrever do autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo) (Abramovich, 1997, p. 17).

A autora ressalta a importância de ler histórias para crianças como uma experiência enriquecedora e divertida. A leitura permite que elas compartilhem momentos de humor e diversão ao se envolverem com as aventuras dos personagens, criando um laço especial entre o leitor e a criança. Além disso, por meio das narrativas, é possível explorar novos lugares, épocas e modos de vida, oferecendo lições de História, Geografia, Filosofia, Política e Sociologia de maneira lúdica e acessível, sem que as crianças percebam que estão aprendendo. Essa abordagem destaca a diferença entre literatura e ensino formal, argumentando que a leitura deve ser um prazer e uma forma de abrir as portas para a compreensão do mundo, em vez de se transformar em uma aula tradicional que pode inibir a curiosidade e a imaginação.

A oralidade desempenha um papel fundamental na comunicação e expressão das crianças, contribuindo para o seu convívio social. Nos primeiros anos de vida, a escola se torna um ambiente onde os pequenos interagem e são influenciados em sua formação. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, “a criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico, parte de uma estrutura familiar inserida em uma sociedade que possui uma cultura específica e se encontra em um momento histórico particular” (Brasil, 1998, p. 21-22).

Assim, a prática de contar histórias nos primeiros anos da Educação Infantil permite que a criança estimule sua criatividade e expanda sua imaginação, projetando-se em diferentes mundos e vivendo diversas situações. Nas palavras de Coelho (1999, p. 26) “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para o seu entretenimento”.

A contação de histórias na Educação Infantil envolve não apenas o ato de narrar, mas também a interação entre o narrador e a criança, criando um ambiente que estimula a

imaginação, a empatia e a compreensão. O ato de contar histórias estabelece uma ponte entre a fantasia e a realidade, permitindo que a criança experimente diferentes formas de ver o mundo e compreenda melhor as suas próprias emoções. Isso reforça a ideia de que a contação de histórias pode ser utilizada como uma ferramenta para que as crianças desenvolvam não só habilidades intelectuais, mas também emocionais, promovendo uma educação integral.

1. 1 O problema de pesquisa

O problema de pesquisa é um dos componentes centrais de qualquer estudo científico, pois é a partir dele que toda a investigação será direcionada. Ele define a questão que o pesquisador busca responder ou o fenômeno que deseja explorar, orientando todo o processo de coleta, análise e interpretação dos dados. A formulação clara e precisa do problema de pesquisa é essencial, pois determina os objetivos do estudo, as hipóteses a serem testadas e as fontes de dados que serão utilizadas.

Embora reconhecida como uma estratégia pedagógica eficaz, a contação de histórias ainda enfrenta desafios para ser plenamente integrada ao cotidiano escolar de maneira sistemática e intencional. Muitos educadores encontram dificuldades em selecionar histórias adequadas, adaptar os enredos para diferentes idades e usar a narrativa como uma ferramenta de aprendizado. A contação de histórias precisa ser planejada com intencionalidade pedagógica, considerando não apenas o entretenimento, mas os objetivos de aprendizagem específicos, o que indica a necessidade de explorar como essa prática pode ser melhor estruturada dentro do currículo.

Além disso, as dificuldades em relação à escolha de materiais e à adaptação de histórias adequadas para as faixas etárias mostram que há um campo a ser melhor compreendido pelos educadores. A contação de histórias promove um espaço de encantamento e reflexão, no qual as crianças podem explorar suas emoções e compreender as dos outros, mas para alcançar esse potencial é essencial que os professores possuam formação e conhecimentos adequados sobre as técnicas de narração e seus impactos no desenvolvimento infantil.

Sendo assim, o problema que este trabalho busca investigar refere-se à seguinte questão: Como a prática da contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil.

1. 2 Os objetivos da pesquisa

Este trabalho tem como objetivo geral investigar como a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças na Educação Infantil. A partir desse foco, busca-se compreender o impacto dessa prática no desenvolvimento da linguagem, na formação do pensamento crítico e na construção de habilidades sociais e emocionais.

No que se refere aos objetivos específicos, o primeiro é analisar como a contação de histórias pode beneficiar o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças. A formação do leitor literário começa desde a infância, e a contação de histórias desempenha um papel fundamental nesse processo, despertando o interesse pela leitura e pelo mundo das palavras. Assim, este estudo busca identificar como a prática da narrativa oral pode contribuir para a ampliação do vocabulário e para o desenvolvimento da comunicação verbal e escrita das crianças.

O segundo objetivo específico é identificar os aspectos emocionais envolvidos na contação de histórias e sua influência no desenvolvimento da empatia e na socialização das crianças. A contação de histórias oferece um espaço no qual as crianças podem explorar suas emoções e aprender a compreender as dos outros, promovendo a socialização e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A investigação busca avaliar de que forma essa prática pode ajudar as crianças a desenvolver empatia e a estabelecer relações interpessoais mais saudáveis.

O terceiro objetivo específico é explorar estratégias pedagógicas que utilizam a contação de histórias como ferramenta de ensino em diversas áreas do conhecimento. A narração de histórias pode ser utilizada em diferentes contextos pedagógicos, facilitando a aprendizagem de conteúdos variados de forma lúdica. Com isso, o estudo visa identificar maneiras criativas de integrar a contação de histórias no ensino de disciplinas como a matemática, as ciências e as artes, promovendo um aprendizado mais significativo e engajador.

1. 3 Justificativa da pesquisa

A justificativa deste estudo reside na importância da contação de histórias como uma ferramenta pedagógica que pode promover o desenvolvimento integral das crianças. Além de proporcionar momentos de lazer e interação, a contação de histórias é uma estratégia

capaz de ampliar o vocabulário, desenvolver a imaginação e contribuir para a construção de valores sociais e emocionais. A prática da contação de histórias na sala de aula desperta o prazer pela leitura, amplia o vocabulário e fortalece o vínculo entre educador e educando. Essa visão é corroborada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que sugere práticas que promovam o desenvolvimento da oralidade e da capacidade interpretativa nas crianças desde os primeiros anos de vida (Brasil, 2017).

Além disso, ao investigar as contribuições da contação de histórias na Educação Infantil, este trabalho busca oferecer subsídios teóricos e práticos que ajudem educadores a implementar essa prática de forma mais intencional e planejada no ambiente escolar. É importante destacar que, a contação de histórias pode ser uma ferramenta pedagógica transversal, dialogando com diversas áreas do conhecimento, o que justifica ainda mais a sua importância no desenvolvimento das habilidades cognitivas e emocionais das crianças.

1. 4 Metodologia

Nesta pesquisa, optou-se por um estudo de natureza bibliográfica e descritiva, focando em autores diversos que exploram e elucidam o tema escolhido.

A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas. Bastos e Keller (1995, p. 54) definem: “a pesquisa científica é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”. Para Gil (2002, p. 17) “A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não pode ser adequadamente relacionada ao problema”.

A pesquisa científica abrange diversas modalidades, e uma delas é a pesquisa bibliográfica, que será discutida neste trabalho, detalhando todas as etapas que devem ser seguidas em sua execução. Esse tipo de pesquisa é concebida por diversos autores, dentre eles Marconi e Lakatos (1999) e Gil (1999).

A pesquisa bibliográfica é amplamente utilizada no ambiente acadêmico e tem como objetivo o aprimoramento e a atualização do conhecimento, por meio da análise científica de obras previamente publicadas.

A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002, p. 32), é realizada

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Ao longo do processo de pesquisa é essencial estabelecer uma estratégia criteriosa para a seleção dos materiais, especialmente ao se pesquisar em bibliotecas digitais. Nesta pesquisa, o processo começou pela escolha dos títulos, seguido por uma análise de partes específicas do texto, e finalmente, uma leitura mais aprofundada e crítica.

Para a realização deste trabalho buscamos obras já publicadas na internet, por meio de ferramentas como Google Acadêmico, Google Livros, bibliotecas virtuais, sites de bibliotecas universitárias, entre outras fontes. Muitas vezes, não foi possível encontrar as obras diretamente pelo nome do tema, por isso foi necessário usar palavras-chave relacionadas ao objeto de estudo para localizar os materiais pertinentes. Durante o levantamento bibliográfico preliminar, foi realizada leituras exploratórias das obras, conforme o tema a ser desenvolvido, o que ajudou na definição e delimitação do assunto.

Dessa forma, o presente texto resultou em uma lista variada de referências sobre o tema pesquisado, proporcionando ao pesquisador embasamento para discutir, esclarecer, comparar diferentes perspectivas e estruturar seu trabalho de forma a responder os objetivos da pesquisa.

2. BREVE HISTÓRICO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Desde os tempos mais antigos até os dias atuais, o desejo de transmitir valores, buscar explicações para as inquietações humanas e perpetuar memórias alimenta o ato de contar e ouvir histórias. Seja por meio de narrativas orais, registros pictóricos ou livros, essa prática continua essencial para conectar gerações, unir tradição e inovação e preservar o legado humano ao longo dos séculos.

Desde os primórdios da humanidade, o impulso de registrar e compartilhar experiências marcou a evolução das formas de comunicação. De acordo com Coelho (2009), assim que o ser humano começou a organizar o cotidiano utilizando sua inteligência, surgiu a necessidade de registrar vivências de maneira concreta e duradoura. Esse desejo de expressão já podia ser observado nas artes rupestres de cerca de quinze mil anos atrás, onde a vida era representada de forma única e realista.

Desde a pré-história, o homem buscava se comunicar e deixar sua marca no mundo por meio de registros em suportes variados, como pedras, tabuinhas de argila, peles de animais e outros materiais extraídos da natureza. Com ferramentas simples, como o buril, traços rudimentares deram origem a uma escrita que, ao longo do tempo, evoluiu para os sistemas conhecidos atualmente. Os livros, por exemplo, tornaram-se veículos essenciais para a disseminação de ideias, transformando a escrita em um instrumento acessível e indispensável.

Antes mesmo do surgimento da escrita, a oralidade desempenhava papel crucial na transmissão de saberes. Durante séculos, homens se reuniam ao redor de fogueiras para contar e ouvir histórias. Essa prática dependia da memória e das vivências compartilhadas, sendo fundamental para perpetuar o conhecimento, especialmente por meio dos sábios e contadores de histórias, que desempenhavam o papel de transmitir valores às novas gerações. Contudo, nos dias atuais, esse costume vem sendo gradualmente substituído pelas tecnologias modernas, presentes na vida das crianças desde cedo.

Segundo Coelho (2009) entre os séculos XVII e XVIII, a percepção sobre a infância sofreu uma mudança significativa. Até então, as crianças eram vistas como pequenos adultos, desempenhando funções similares às dos mais velhos. Essa visão contribuiu para a alta mortalidade infantil, já que as crianças não possuíam cuidados específicos e participavam das mesmas atividades e práticas culturais dos adultos. Com a ascensão da burguesia e as mudanças nas dinâmicas familiares, as crianças passaram a ser vistas como indivíduos com necessidades distintas, o que fomentou o desenvolvimento da literatura

infantil.

No século XVIII, a literatura voltada ao público infantil começou a ganhar destaque, sobretudo no contexto escolar, acompanhando mudanças significativas na mentalidade sociocognitiva da época. Nesse período, professores e pedagogos passaram a produzir textos especialmente direcionados às crianças, reconhecendo o potencial pedagógico dessas narrativas na formação moral e intelectual dos pequenos leitores. Nesse sentido, Coelho (2009) ressalta que a abordagem da história literária não se limita ao levantamento de dados cronológicos, mas exige uma reflexão cuidadosa sobre os meios mais eficazes de sua apresentação. Para a autora, “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la” (Coelho, 2009, p. 31), enfatizando que a maneira como os conteúdos são transmitidos é tão importante quanto o conteúdo em si, especialmente quando se trata do público infantil.

Embora o avanço tecnológico seja frequentemente visto como um obstáculo, ele pode ser um recurso metodológico valioso para a contação de histórias. Interfaces tecnológicas oferecem ludicidade e interatividade, características que podem enriquecer a experiência educativa. Por serem nativos digitais, ou seja, indivíduos que nasceram e cresceram em meio às tecnologias digitais, familiarizando-se naturalmente com o uso de dispositivos eletrônicos, internet e mídias digitais desde a infância, as crianças já estão inseridas nesse universo, e cabe ao professor incorporar essas ferramentas de forma estratégica. Mais do que um objeto, a tecnologia deve ser entendida como um mediador do processo de ensino-aprendizagem, potencializando a interação e a criatividade.

2. 1 O papel do contador

O ato de contar histórias, por sua vez, exige habilidade e envolvimento do narrador. Ao utilizar diferentes entonações e vozes, o contador pode criar personagens cativantes, transportando as crianças para o mundo da fantasia e despertando nelas o prazer pela imaginação e interpretação. Essa prática combina elementos tradicionais e modernos, assegurando que a contação de histórias continue relevante e significativa, mesmo em uma era marcada pelo uso de dispositivos digitais.

Além de seu papel educacional, as histórias carregam uma profundidade que transcende a lógica racional. As histórias, em sua essência, representam uma das formas mais significativas de transmitir as experiências humanas, permitindo que sentimentos e emoções transcendam o plano do real para tocar o imaginário. Conforme Vieira (2005) os

contos “falam sempre de relacionamentos humanos primitivos” e revelam “sentimentos muito arcaicos do psiquismo humano” (Vieira, 2005, p. 10). Essa profundidade emocional os torna instrumentos poderosos de conexão entre o fictício e o real, ao mesmo tempo que ampliam nossa compreensão do mundo.

A contação de histórias não é apenas um veículo de entretenimento, mas também um meio de formação integral, proporcionando vivências que enriquecem tanto a perspectiva social quanto a emocional de crianças e jovens. Segundo Rodrigues (2005, p. 4), ao preparar uma história para ser contada, “tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor”. Assim, o ato de contar histórias permite ao ouvinte criar uma ponte entre o imaginário e a realidade, vivenciando os sentimentos apresentados como se fossem próprios.

No entanto, o uso da contação de histórias vai além de seu papel no desenvolvimento do gosto pela leitura. Ela também contribui para o fortalecimento de valores e a formação cidadã. Ao narrar histórias que abordem temas como justiça social, empatia e diversidade, o professor pode auxiliar no desenvolvimento do senso crítico e da tolerância nos alunos. Conforme Pennac (1993, p. 134), o contador de histórias é “elo entre o aluno e o livro”, desempenhando um papel decisivo na mediação entre o universo narrativo e as experiências vividas.

Ademais, a narrativa oral é uma ferramenta poderosa na construção da identidade pessoal e coletiva. Por meio dela, crianças e jovens são estimulados a explorar diferentes perspectivas, questionar preconceitos e expandir seu entendimento de mundo. As histórias, ao trazerem questões fictícias que dialogam com a realidade, permitem aos ouvintes exercitar a empatia e projetar soluções criativas para os desafios do cotidiano.

Nesse contexto, a prática da contação de histórias em sala de aula proporciona benefícios tanto para alunos quanto para professores. Enquanto os alunos são instigados a imaginar, criar e refletir, os professores têm a oportunidade de tornar suas aulas mais dinâmicas, envolventes e produtivas, alcançando, assim, uma aprendizagem significativa. Como destaca Villardi (1997), o objetivo não é apenas transmitir informações, mas promover uma experiência que transforme o processo de ensino-aprendizagem em algo prazeroso e transformador.

Por fim, as histórias carregam em si um potencial ilimitado para intrigar, ensinar e encantar. Elas provocam a imaginação, despertam emoções e ampliam a compreensão do mundo. Contar histórias é mais do que narrar eventos; é revelar segredos, seduzir os

ouvintes e convidá-los a se apaixonar pela narrativa e pela leitura. Nesse sentido, a contação de histórias continua a ser uma prática atemporal, que une o lúdico ao educativo e fortalece os laços entre conhecimento e sensibilidade.

3. IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

3.1 A contação de histórias como estratégia para formação de leitores

Abramovich (1997, p. 22) ressalta “a importância de contar histórias para crianças, de forma que escutá-las é um precedente para a formação de leitor, além de incitar seu imaginário para responder tantas questões existentes no mundo da criança”. A autora também salienta essa importância para a formação do ser humano, onde ouvir histórias ajuda na formação de um bom leitor, na descoberta e compreensão do mundo.

Sendo uma atividade lúdica e pedagógica, a contação de histórias é uma atividade que combina aspectos lúdicos e pedagógicos, funcionando como uma valiosa ferramenta para os professores em sala de aula. Segundo a autora citada, essa prática permite que as crianças explorem novos lugares, épocas e maneiras de agir, além de compreenderem diferentes éticas e perspectivas de vida. Dessa forma, por meio das narrativas, as crianças têm a oportunidade de aprender sobre várias disciplinas de maneira integrada e divertida, sem a necessidade de rotulá-las ou entender suas definições formais. A contação de histórias, portanto, promove um aprendizado significativo, onde o foco está na experiência e na descoberta, enriquecendo o desenvolvimento intelectual e social dos alunos.

Segundo Souza e Bernadino (2011), a contação de histórias não se limita ao desenvolvimento das competências linguísticas, mas também pode ser um instrumento eficaz para o ensino de diversas áreas do conhecimento. Na Educação Infantil, onde o ensino deve ser apresentado de forma lúdica e interativa, a narrativa desempenha um papel fundamental no engajamento das crianças com conteúdos de matemática, ciências, artes e estudos sociais. Ao trazer situações concretas e imaginativas para o contexto das histórias, o educador pode abordar conceitos complexos de maneira acessível e interessante para as crianças, “a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil” (Souza e Bernadino, 2011, p. 237) e assim torna-se uma estratégia educacional que favorece significativamente a prática do educador e aprendizagem das crianças.

Ao contar uma história que envolva personagens enfrentando desafios numéricos, como contar objetos ou resolver problemas de quantidade, o educador pode introduzir conceitos matemáticos de forma natural e divertida. A aprendizagem matemática na primeira infância está profundamente ligada à compreensão de situações cotidianas, e as

histórias oferecem um contexto familiar que facilita essa conexão. O uso de contos que envolvam contagem, comparação de tamanhos ou resolução de problemas simples oferece às crianças a oportunidade de desenvolver habilidades matemáticas enquanto se divertem com a narrativa. Por essa razão, contar histórias nas aulas de matemática requer intencionalidade, uma busca pela melhor história, ou por uma história diferente, que faça sentido ao aluno para que caracterize um momento único. Entendemos que esse momento possa colocar o aluno em atividade segundo Leontiev, (1988). Nesse sentido, o contar/ouvir histórias é entendido como atividade, pois se relaciona às necessidades que impulsionam os motivos, levando os alunos ao objetivo de resolver o problema do personagem da história, colocando diferentes operações em movimento. O contexto da história representa uma das condições concretas da atividade que determinarão as operações vinculadas a cada ação como afirma Libâneo (2004).

Além disso, o uso de histórias para o ensino de ciências também pode ser extremamente enriquecedor. Histórias que envolvem fenômenos naturais, como o ciclo da água, o crescimento das plantas ou a vida dos animais, são formas criativas de introduzir conceitos científicos básicos. Através das histórias, as crianças são expostas ao conhecimento de uma maneira envolvente e podem ser incentivadas a fazer perguntas, explorar o mundo ao seu redor e desenvolver uma curiosidade científica. As narrativas que incluem aspectos científicos permitem que as crianças façam conexões entre a fantasia e o mundo real, promovendo uma compreensão mais profunda dos fenômenos naturais.

Ainda segundo Libâneo (2004) no campo das artes, a contação de histórias é uma ferramenta que permite uma rica integração entre diferentes linguagens artísticas. As histórias podem ser ilustradas pelas próprias crianças, representadas por meio de dramatizações ou transformadas em canções, proporcionando um ambiente multidisciplinar e colaborativo. A criatividade e a expressão artística são aspectos centrais no desenvolvimento infantil, e a contação de histórias, ao permitir que as crianças recriem o mundo imaginário através da arte, estimula essas habilidades. Esse tipo de abordagem não só incentiva a expressão artística, mas também fortalece a autoconfiança das crianças ao verem suas criações valorizadas.

Além das questões cognitivas e artísticas, o impacto da contação de histórias no desenvolvimento emocional e social das crianças também merece destaque. A interação entre o narrador e a audiência infantil cria um ambiente propício para o desenvolvimento da empatia e da socialização. As histórias muitas vezes abordam temas relacionados a emoções humanas, como medo, alegria, tristeza e raiva, permitindo que as crianças explorem esses

sentimentos em um espaço seguro. Ao identificar-se com os personagens e suas vivências, a criança é capaz de desenvolver uma compreensão mais profunda das emoções, tanto as suas quanto as dos outros.

Esse desenvolvimento emocional é essencial para a construção de habilidades sociais, como o respeito ao próximo e a cooperação. Através das histórias, as crianças aprendem a lidar com conflitos, a resolver problemas de forma pacífica e a trabalhar em equipe, habilidades que são fundamentais para a socialização. Bettelheim (2002) em sua obra mais conhecida, *A psicanálise dos contos de fadas*, comprova inúmeras vezes a contribuição de cada conto específico para a formação emocional de uma criança no desenvolvimento de habilidades sociais na primeira infância conclui que as crianças que participam regularmente de atividades de contação de histórias apresentam uma maior capacidade de resolução de conflitos e demonstram atitudes mais empáticas em relação aos colegas.

Outro aspecto importante a ser considerado segundo o autor é a capacidade da contação de histórias de promover uma educação inclusiva e equitativa. Em uma sala de aula diversa, com crianças de diferentes origens culturais, socioeconômicas e capacidades de aprendizagem, as histórias podem ser usadas para abordar a diversidade de maneira positiva e construtiva. Ao contar histórias que reflitam diferentes culturas e tradições, o educador promove o respeito e a valorização das diferenças. Além disso, as histórias podem ser adaptadas para atender às necessidades específicas de crianças com deficiências, como o uso de fantoches ou dramatizações para facilitar a compreensão de conceitos por crianças com dificuldades de aprendizagem.

A contação de histórias é uma ferramenta inclusiva por natureza, pois permite que todas as crianças participem ativamente do processo, independentemente de suas habilidades. Essa perspectiva reforça a importância de uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade e promova a inclusão em sala de aula, utilizando as histórias como um ponto de partida para discussões sobre igualdade, respeito e justiça social.

No entanto, segundo Bettelheim (2002), para que a contação de histórias seja plenamente eficaz, é necessário que os educadores possuam formação adequada e saibam utilizar essa prática de forma intencional. Muitos professores ainda enfrentam desafios na seleção de histórias e na adaptação das narrativas às idades e interesses das crianças. Por isso, é fundamental que os educadores recebam formação contínua, que inclua técnicas de narração, estratégias de adaptação de histórias e o uso de diferentes recursos, como livros ilustrados, fantoches e recursos multimídia.

Além disso, o planejamento pedagógico deve incluir momentos regulares de contação de histórias, e não tratá-la como uma atividade esporádica ou meramente recreativa. Quando bem planejada, a contação de histórias pode ser integrada ao currículo de maneira transversal, dialogando com diversos objetivos de aprendizagem e promovendo uma experiência de ensino mais rica e significativa. A contação de histórias deve ser vista como um recurso pedagógico que atravessa as disciplinas, sendo capaz de contribuir para o desenvolvimento integral da criança de forma lúdica e engajadora.

Por fim, é importante ressaltar que a contação de histórias na Educação Infantil não se limita à sala de aula. Iniciativas como rodas de leitura com a participação da família e eventos escolares, como feiras literárias, podem ampliar o impacto dessa prática. A parceria entre escola e família é fundamental para a construção de uma cultura de leitura e de apreciação pela literatura desde os primeiros anos de vida. Quando a contação de histórias envolve a comunidade escolar como um todo, o aprendizado das crianças se torna ainda mais significativo, pois os valores e conhecimentos transmitidos nas histórias passam a fazer parte de suas vidas de maneira mais ampla e contextualizada.

3.2 A contação de histórias como prática pedagógica significativa

Conforme já foi mencionado, a contação de histórias é uma das práticas pedagógicas mais antigas e significativas, sendo importante no contexto da Educação Infantil. Desde os tempos primitivos, quando os homens sentavam ao redor das fogueiras para compartilhar suas vivências e tradições, a narrativa oral tem sido utilizada para transmitir conhecimentos, valores e experiências. Essa prática, além de ser uma forma de entretenimento, é também um recurso pedagógico para o desenvolvimento integral das crianças, impactando aspectos cognitivos, emocionais, sociais e culturais.

As histórias têm o poder de fortalecer vínculos educativos e afetivos, despertando o interesse pelo mundo da imaginação e estimulando a formação de pequenos leitores. A contação de histórias não apenas enriquece o repertório cultural das crianças, mas também contribui para a construção de sua identidade e para o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como a criatividade, a empatia e a compreensão da diversidade.

Contar histórias é mais do que narrar fatos; é criar um ambiente mágico onde o real e o imaginário se encontram. De acordo com Rodrigues (2005), ao ouvir uma história, a criança passa a tomar como suas as experiências do narrador e dos personagens, ampliando sua vivência por meio da narrativa.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (Rodrigues, 2005, p. 4).

Essa prática permite às crianças explorar o mundo ao seu redor de maneira simbólica, projetando emoções e compreendendo situações que, muitas vezes, estão além de sua realidade imediata. Por exemplo, os contos de fadas, com seus elementos mágicos e dilemas existenciais, são ferramentas poderosas para ajudar as crianças a compreenderem desafios universais, como o medo, a perda e a superação. Busatto (2011) observa que essas narrativas simplificam dilemas complexos, tornando-os acessíveis à mente infantil. Assim, por meio do faz de conta, as crianças são incentivadas a enfrentar seus medos, resolver conflitos e imaginar possibilidades para situações adversas.

Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado (Busatto, 2011, p. 46).

Na Educação Infantil, a contação de histórias é uma metodologia que vai além do entretenimento, servindo como ferramenta para o ensino e a aprendizagem de maneira lúdica e significativa. Ao ser inserida no ambiente escolar, essa prática pode promover o desenvolvimento de competências essenciais, como a oralidade, a capacidade de concentração, a socialização e o pensamento crítico.

A narrativa oral é também uma forma eficaz de introduzir as crianças no universo da leitura e da escrita. Segundo Villardi (1997, p. 2) “é preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece”. Ou seja, para formar leitores críticos, não basta ensinar a decodificar palavras é preciso cultivar o prazer pela leitura. Nesse sentido, a contação de histórias funciona como uma ponte, despertando nas crianças o interesse pelos livros e pelo mundo literário, transformando a leitura em uma experiência prazerosa e enriquecedora.

Outro aspecto relevante da contação de histórias na Educação Infantil é a ampliação do repertório cultural e linguístico das crianças. Ao ouvir histórias de diferentes culturas e tradições, as crianças são expostas a novos vocabulários, expressões e formas de pensar. Esse contato com a diversidade cultural enriquece sua visão de mundo e as prepara para viver em uma sociedade plural.

Além disso, a narrativa oral incentiva o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, ao ouvir histórias, as crianças aprendem a organizar ideias, construir frases e desenvolver a capacidade de argumentação. Esse processo contribui para sua alfabetização e para a aquisição de habilidades de comunicação que serão essenciais ao longo de sua vida.

Além dos benefícios cognitivos, a contação de histórias desempenha um papel crucial no desenvolvimento socioemocional das crianças. Por meio das narrativas, elas são apresentadas a valores como empatia, solidariedade, respeito às diferenças e senso de justiça. Abramovich (1997) ressalta que,

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta.(Abramovich, 1997, p. 37)

Dessa maneira, as histórias contêm elementos que encantam e despertam a curiosidade infantil, permitindo que as crianças explorem emoções e compreendam melhor a si mesmas e aos outros.

A prática da contação também promove a construção de vínculos afetivos entre o narrador e os ouvintes. Quando o professor se dedica a contar histórias, estabelece com as crianças uma relação de confiança e cumplicidade, criando um ambiente acolhedor e seguro. Esse vínculo é fundamental para o desenvolvimento emocional das crianças, pois fortalece sua autoestima e proporciona um espaço onde elas podem expressar seus sentimentos e pensamentos.

Rodrigues (2005) ressalta que a contação de histórias promove a criatividade e a capacidade de imaginar. Quando ouvimos ou contamos histórias, somos convidados a entrar em um mundo fictício onde podemos experimentar situações e possibilidades que não são limitadas pela realidade. Esse trânsito entre o fictício e o real ajuda a expandir a visão de mundo, permitindo que conceitos abstratos sejam explorados de maneira tangível.

Ao contar ou ouvir uma história, colocamo-nos no lugar dos personagens e do narrador. Isso nos permite vivenciar, ainda que de forma imaginativa, situações diversas, ampliando nossa percepção sobre o mundo e sobre nós mesmos. A narrativa do autor serve como uma janela para novas experiências, oferecendo significados que podem ser incorporados à nossa própria bagagem emocional e cognitiva.

Embora os elementos da história – como enredos e cenários – pertençam ao universo da imaginação, os sentimentos e as emoções despertados durante a narrativa são reais. Por exemplo, ao ouvir uma história emocionante, sentimos empatia, alegria, medo ou tristeza

como se fossem nossas próprias experiências. Essas emoções nos conectam à história de forma profunda, permitindo que as lições, valores e reflexões transcendam o campo da ficção e influenciem nossa vida cotidiana.

Rodrigues (2005) reflete como a contação de histórias é uma prática rica que vai além de entreter. Ela permite que as pessoas explorem diferentes perspectivas, aprendam com situações fictícias e integrem esses aprendizados à sua realidade. Esse processo é particularmente significativo na Educação Infantil, pois as crianças, em plena formação de sua visão de mundo, podem se beneficiar enormemente do potencial educativo, emocional e imaginativo das histórias. Dessa forma, a contação de história é uma ferramenta pedagógica poderosa que promove o desenvolvimento integral dos pequenos, ampliando seus horizontes culturais, estimulando sua imaginação e fortalecendo seus laços afetivos e sociais.

No ambiente escolar, essa prática deve ser valorizada e integrada ao currículo como uma metodologia que une o lúdico ao educativo, despertando o prazer pela leitura e enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem. O desafio dos educadores é fazer com que as histórias cheguem ao coração e à mente das crianças, contribuindo para sua formação como cidadãos críticos, criativos e empáticos.

Assim, ao unir tradição e inovação, a contação de histórias continua a desempenhar um papel essencial na Educação Infantil, preparando as crianças para enfrentar os desafios do mundo com sensibilidade, conhecimento e imaginação. Afinal, como bem afirma Abramovich (1997, p. 14), contar histórias é “despertar o encantamento” e convidar o ouvinte a embarcar em uma jornada inesquecível pelo universo das palavras.

A importância da contação de histórias na Educação Infantil reside em sua capacidade de transcender o entretenimento para se tornar uma ferramenta pedagógica essencial. Essa prática é muito mais que um momento lúdico: é um processo educativo que estimula a imaginação, fortalece vínculos e promove a alfabetização de forma significativa. “O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor” (Pennac, 1993, p. 124).

Pennac (1993) destaca que a contação de histórias é uma prática intrinsecamente humana, profundamente ligada à nossa necessidade de comunicação, expressão e aprendizado. Ele também ressalta como essa característica pode ser usada estrategicamente pelo professor para promover a formação de leitores. O autor sugere que o professor, ao reconhecer a força e a universalidade da contação de histórias, pode usar essa prática como

uma poderosa ferramenta pedagógica. Apropriar-se dessa característica significa entender o impacto emocional e cognitivo das narrativas e integrá-las ao contexto educacional de forma intencional e planejada.

Ao ouvir histórias, os alunos desenvolvem a imaginação, ampliam o vocabulário e começam a compreender a estrutura narrativa. Isso cria um vínculo positivo com a literatura e desperta o interesse pelos livros. Assim, a contação de histórias vai além de um momento lúdico, funcionando como um estímulo essencial para que os estudantes se tornem leitores críticos e apaixonados.

Dessa forma, o que Pennac (1993) sugere é que a contação de histórias é uma prática universal que o professor pode adaptar para criar experiências significativas de aprendizado. Ao fazer isso, o professor não apenas promove o prazer pela leitura, mas também contribui para a formação de leitores conscientes e habilidosos, capazes de interpretar e interagir com o mundo por meio da literatura. É uma estratégia que une tradição e inovação, emocionalidade e pedagogia.

A contação de histórias é uma prática que auxilia no desenvolvimento integral da criança, abrangendo aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Quando a criança é exposta às histórias desde cedo, ela não apenas enriquece seu vocabulário e aprimora sua linguagem, mas também desenvolve habilidades socioemocionais, como a empatia e a compreensão de valores éticos. Essa prática, ao conectar a criança com narrativas que dialogam com seu mundo interior e exterior, possibilita que ela projete suas vivências e emoções no enredo, criando um ambiente de aprendizagem significativo e prazeroso.

De acordo com Coelho (2009, p. 41), a literatura infantil funciona como um “tesouro pessoal de valor inestimável”, para a criança, permitindo que ela explore diferentes perspectivas e construa sua identidade. Essa riqueza cultural e emocional é essencial para a formação de cidadãos críticos e atuantes, capazes de compreender a diversidade do mundo e de interagir com ele de maneira consciente.

No ambiente escolar, a contação de histórias é uma prática indispensável para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. A introdução de histórias no cotidiano escolar proporciona um primeiro contato com a leitura de forma lúdica, incentivando a criança a explorar os livros e despertar o gosto pela literatura. Essa abordagem é fundamental, uma vez que a leitura é a base para o aprendizado em todas as áreas do conhecimento.

Além disso, a contação de histórias é uma oportunidade para os professores trabalharem conteúdos transversais e valores humanos. Por meio das narrativas, é possível

abordar temas como inclusão, respeito às diferenças, sustentabilidade e cidadania. Assim, a prática vai além da alfabetização, promovendo uma educação integral e significativa.

O contador de histórias desempenha um papel central nesse processo. Como ressalta Coelho (2009), contar histórias é uma arte que exige do narrador não apenas técnica, mas também envolvimento emocional e criatividade. O contador deve adaptar sua entonação, ritmo e postura de acordo com o público, criando uma experiência envolvente que estimule a imaginação das crianças.

O professor deve utilizar recursos visuais e materiais pedagógicos, como fantoches, aventais e objetos reciclados, para enriquecer a narrativa e captar a atenção das crianças. Esses elementos não apenas tornam a contação mais dinâmica, mas também ajudam na construção do imaginário infantil, permitindo que as crianças visualizem e interajam com os personagens e cenários das histórias.

A contação de histórias também desempenha um papel crucial no desenvolvimento socioemocional das crianças. Segundo Bettelheim (2002), as narrativas oferecem um espaço seguro para que as crianças explorem seus medos, ansiedades e desejos, ajudando-as a lidar com emoções complexas de maneira saudável.

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimulá-la a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (Bettelheim, 2002, p. 11).

Bettelheim (2002) aborda a importância de como a contação de histórias pode impactar de forma profunda a criança, indo além de simplesmente entreter e capturar sua atenção. O autor sugere que uma boa história não apenas distraí a criança, mas também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional, intelectual e psicológico dela.

O autor destaca que, para uma história ser eficaz, ela precisa ser atraente o suficiente para capturar a atenção da criança e despertar seu interesse. Isso significa que a história precisa ser envolvente, com elementos que estimulem a curiosidade natural da criança. Narrativas que são emocionantes, misteriosas ou fantásticas tendem a prender a atenção do público infantil, incentivando-o a querer saber mais, o que é essencial para a participação ativa na contação de histórias.

A história não serve apenas para entreter, mas também para enriquecer a vida da criança de forma significativa. Estimular a imaginação é um dos maiores benefícios da contação de histórias, pois ela permite que a criança explore cenários e situações além de

sua própria experiência. Isso ajuda a expandir seu repertório mental e emocional, ao mesmo tempo em que favorece o desenvolvimento intelectual. Além disso, as histórias ajudam as crianças a entender e nomear suas emoções, o que é essencial para o crescimento emocional, pois elas podem ver seus próprios sentimentos refletidos nas situações dos personagens.

As histórias têm o poder de lidar diretamente com as ansiedades, aspirações e dificuldades que as crianças enfrentam. Ao apresentar personagens que lidam com situações semelhantes às das crianças – como o medo, a perda ou a superação de desafios – a história oferece uma forma de acolhimento e compreensão. Além disso, ela pode sugerir soluções ou caminhos para lidar com esses problemas, proporcionando à criança uma sensação de controle sobre suas próprias dificuldades. Esse aspecto terapêutico das histórias é particularmente importante na Educação Infantil, pois ajuda as crianças a desenvolverem habilidades de resolução de problemas, aumentando sua confiança e resiliência.

Bettelheim (2002) enfatiza que as histórias não devem ser apenas um meio de entretenimento, mas uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral da criança. Ao estimular a curiosidade, a imaginação e as emoções da criança, a contação de histórias oferece mais do que uma simples distração: ela contribui para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança, ajudando-a a compreender suas próprias experiências e emoções, e oferecendo formas criativas de lidar com desafios. Esse processo é especialmente importante na educação infantil, pois é nesse período que as bases da inteligência emocional começam a ser formadas.

Além disso, a prática incentiva a socialização e o trabalho em equipe. Ao ouvir e discutir histórias em grupo, as crianças aprendem a respeitar as opiniões dos colegas, a compartilhar ideias e a colaborar em atividades coletivas. Essa interação promove o desenvolvimento de habilidades sociais que serão fundamentais ao longo de sua vida.

A contação de histórias é uma prática indispensável na educação infantil, com impactos profundos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Ela deve ser valorizada e integrada ao cotidiano escolar como uma ferramenta pedagógica poderosa que une o lúdico ao educativo.

Ao contar histórias, os professores não apenas ensinam, mas também encantam, criando memórias afetivas que acompanharão as crianças por toda a vida. Assim, investir na formação de contadores de histórias, na produção de materiais pedagógicos adequados e na integração de recursos tecnológicos é essencial para garantir que essa prática continue a desempenhar seu papel transformador na Educação Infantil.

3.3 A contação de histórias como estratégia pedagógica

A contação de histórias, prática ancestral e universal, é um recurso pedagógico de grande valor na Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Ela transcende a simples transmissão de conhecimento, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Essa estratégia educativa conecta o indivíduo à tradição cultural, explora a criatividade e proporciona um ambiente lúdico e acolhedor para a aprendizagem. A presente monografia reflete sobre a importância da contação de histórias, seus impactos na formação das crianças e as técnicas envolvidas para maximizar seus benefícios.

Segundo Malba Tahan, (1966, p. 24) “todos os povos, civilizados ou não, têm usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições ou da difusão de ideias novas”. O autor sugere que a prática de contar histórias não é exclusiva de civilizações avançadas ou de sociedades modernas. Desde os tempos mais antigos, até mesmo em sociedades que hoje podemos considerar "não civilizadas", a história tem sido uma ferramenta importante. A palavra "não" aqui não se refere à falta de valor ou complexidade, mas sim à ausência de características da "civilização" ocidental moderna, como escrita, instituições formais, entre outros. Isso significa que todas as culturas, independentemente de seu nível tecnológico ou organizacional, usaram a narrativa oral ou escrita para se comunicar.

A história, ao ser transmitida ao longo das gerações, carrega consigo lições e sabedorias que são consideradas atemporais ou universais. Através das histórias, os povos comunicam os valores, princípios e crenças que são fundamentais para sua cultura. Essas "verdades eternas" são aquelas que transcendem o tempo e as mudanças sociais, como conceitos de moralidade, justiça, amor, coragem, e outros que continuam a ser relevantes em diferentes épocas. As histórias, então, funcionam como um meio de preservar essas verdades e transmiti-las de geração em geração.

Segundo Malba Tahan (1966), além de transmitir valores universais, as histórias também servem para conservar as tradições culturais específicas de cada povo. Através das narrativas, as práticas, costumes, mitos, rituais e as origens de um povo são mantidas vivas e transmitidas. As histórias ajudam as sociedades a preservar suas identidades culturais e a manter a coesão entre os membros da comunidade, especialmente em tempos de mudança ou de domínio de outras culturas.

As histórias também são meios de inovação e disseminação de novas ideias. Além de preservar o passado, elas podem ser uma ferramenta para educar as pessoas sobre novos conceitos, como mudanças sociais, novas tecnologias, filosofias ou visões de mundo. Por meio das histórias, as ideias podem ser debatidas, refletidas e aceitas ou desafiadas, e elas podem influenciar a forma como as gerações futuras pensam e agem. Isso é particularmente relevante em períodos de transformação ou de contato entre diferentes culturas, onde novas ideias precisam ser introduzidas e compreendidas.

Portanto, Malba Tahan, (1966) destaca que a história – seja por meio da oralidade ou escrita – é uma das formas mais universais e poderosas de comunicação humana. Ela serve tanto para preservar as tradições e sabedorias de um povo quanto para disseminar novas ideias e pensamentos, desempenhando um papel fundamental na formação cultural e na transmissão de conhecimento. Dessa maneira, as histórias não são apenas entretenimento; elas são veículos essenciais para a manutenção e evolução das sociedades.

Com o tempo, a contação de histórias perdeu espaço para a escrita e, posteriormente, para o audiovisual. Contudo, no século XXI, essa prática foi resgatada como uma ferramenta pedagógica que combina tradição e inovação. Nas escolas, a figura do professor como contador de histórias ganhou relevância, sendo incorporada em bibliotecas, feiras de livros e projetos educacionais. Essa revalorização demonstra como a contação de histórias pode ser uma estratégia poderosa para estimular a linguagem oral e escrita, além de fomentar o gosto pela leitura. A contação de histórias é muito mais do que um meio de entretenimento. Ela atua como uma ferramenta educacional que promove o aprendizado de maneira envolvente e significativa.

Conforme afirma Bamberger (1995, p. 29) “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”. O autor destaca que a leitura vai além do simples decodificar de palavras: ela é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da linguagem, do pensamento crítico e da formação da identidade. Ao ler, o indivíduo amplia seu vocabulário, refina sua capacidade de expressão e interpreta o mundo com mais profundidade. Assim, trabalhar com a linguagem é também investir no crescimento humano integral — intelectual, emocional e social.

O autor está afirmando que a leitura é uma das ferramentas mais poderosas para o desenvolvimento da linguagem e da personalidade do indivíduo. Ao ler, a pessoa não apenas adquire vocabulário e aprimora sua capacidade de se expressar (linguagem), mas também expande sua compreensão de si mesma e do mundo ao seu redor (personalidade). O uso do

termo "sistemático" sugere que a leitura é uma prática constante e estruturada que, ao ser feita de forma regular, promove uma evolução contínua nessas áreas.

A leitura permite que o indivíduo aprenda novas palavras, compreenda melhor as regras gramaticais e as nuances de comunicação, e também desenvolva habilidades cognitivas, como a interpretação de textos e a análise crítica. Isso é fundamental tanto para o domínio da linguagem quanto para o crescimento pessoal, pois as histórias e os textos expõem diferentes pontos de vista, emoções e situações, permitindo ao leitor refletir sobre a diversidade da experiência humana.

Bamberger (1995) ressalta ainda que, a linguagem é uma ferramenta essencial para a compreensão e o desenvolvimento humano. Ele está sugerindo que, ao trabalhar a linguagem – seja através da leitura, da escrita ou da fala – estamos, na verdade, trabalhando com a essência do ser humano. A linguagem não é apenas uma forma de comunicação; ela é a base da construção da identidade e do entendimento do mundo.

A forma como as pessoas se expressam e se comunicam reflete suas ideias, valores, emoções e experiências. A linguagem é uma das principais maneiras pelas quais os indivíduos se conectam com os outros e com a sociedade. Além disso, a linguagem está diretamente relacionada à capacidade de pensar e refletir criticamente sobre o mundo, influenciando a personalidade, a percepção de si e a interação com os outros.

Bamberger (1995) enfatiza a importância da leitura não apenas como um processo de aprendizado linguístico, mas também como um meio de crescimento pessoal e emocional. Ao trabalhar com a linguagem, seja através da leitura ou da comunicação em geral, estamos desenvolvendo nossa capacidade de compreender, interpretar e expressar nossas próprias experiências e as dos outros, o que é fundamental para o desenvolvimento pleno do ser humano. Em outras palavras, a leitura e a linguagem são centrais na formação da identidade e na evolução da personalidade. “A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (Brasil, 1998, p. 141).” A afirmação destaca a importância da leitura mediada pelo professor no processo de alfabetização, enfatizando que a escuta ativa de um texto já constitui uma forma de leitura. Mesmo sem decodificar convencionalmente as palavras, a criança é capaz de construir sentido a partir da entonação, do ritmo e do contexto narrativo apresentados pelo leitor.

Esse processo favorece o desenvolvimento da compreensão textual, amplia o repertório linguístico e incentiva o gosto pela leitura, preparando o aluno para a aquisição da leitura autônoma. Dessa forma, a leitura em voz alta pelo professor funciona como um

suporte essencial para a formação de leitores críticos e proficientes.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, “a leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários” (Brasil. 1998, p. 145). Além disso, a prática ajuda no desenvolvimento de habilidades metacognitivas e na construção de comportamentos alfabetizados, criando uma ponte entre o prazer da leitura e a alfabetização formal.

Ao ouvir histórias, as crianças desenvolvem competências como a consciência fonológica, a ampliação do vocabulário e o entendimento textual. Isso ocorre porque as narrativas seguem uma estrutura previsível, com personagens, conflitos e desfechos, facilitando a compreensão e a memorização.

A contação de histórias não apenas instrui, mas também forma o caráter e a identidade das crianças. Ela incentiva a criatividade, promove o senso crítico e facilita a compreensão de valores éticos e morais. Por meio das narrativas, as crianças exploram conceitos como amizade, justiça e solidariedade, além de aprenderem a lidar com sentimentos complexos como medo e insegurança. Segundo Bettelheim (2002, p. 34) “as histórias contadas minimizam essas angústias e trazem paz às crianças porque essas energias maléficas são destruídas e ‘tudo acaba bem’ no final do conto”.

Essa prática também é eficaz no estímulo à expressão emocional e à resolução de problemas. Ao interagir com os personagens e suas aventuras, as crianças exercitam a imaginação e desenvolvem a capacidade de enfrentar desafios de maneira criativa. Como destaca Pereira (2027, p. 1) “quando a criança entra em contato com experiências novas ouvindo ou vendo coisas que para ela são novidades, acaba inserindo esses conteúdos às estruturas cognitivas que possuía anteriormente”.

O sucesso da contação de histórias depende de uma abordagem planejada e do uso de técnicas apropriadas. Abramovich (1997) destaca “a importância de o professor escolher narrativas adequadas ao público e de utilizar recursos expressivos, como variação de tom de voz, gestos e pausas, que tornam a experiência mais envolvente” (Abramovich, 1997. p. 27). Além disso, o ambiente físico deve ser acolhedor e livre de distrações, com elementos que incentivem a interação, como tapetes coloridos, fantoches e livros ilustrados. Segundo Abramovich (1997) o ato de escutar contos é o início para a aprendizagem de se tornar um leitor. Oferecer estas oportunidades didático- educativas significa capacitar às crianças para que possam desenvolver todas as suas potencialidades dentro da língua materna.

4 O REPERTÓRIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática de contar histórias tem acompanhado o desenvolvimento humano ao longo dos séculos, moldando a transmissão de valores culturais, emocionais e sociais entre gerações. No contexto da infância, especialmente dos três aos seis anos, contos de fadas, fábulas e histórias curativas se destacam como ferramentas poderosas para o desenvolvimento socio-cognitivo e afetivo da criança. Este capítulo aborda as características de cada uma dessas modalidades narrativas e suas contribuições específicas.

Os contos de fadas ocupam um espaço especial no imaginário infantil por combinarem fantasia, dilemas existenciais e soluções mágicas que dialogam diretamente com os desafios emocionais e cognitivos das crianças. Bettelheim (2002) ressalta que essas histórias começam a exercer um impacto positivo a partir dos quatro anos, quando a imaginação da criança está mais ativa e a capacidade de abstração em desenvolvimento.

Essas narrativas seguem uma estrutura fixa, que geralmente inicia com uma situação de desequilíbrio, como a perda de um progenitor ou conflitos familiares. O desenvolvimento é preenchido por aventuras e desafios, com o uso de elementos mágicos como fadas, bruxas e objetos encantados, e o desfecho promove a restauração da ordem e harmonia. Essa estrutura, ao mesmo tempo simples e profunda, facilita que a criança compreenda dilemas existenciais em sua forma mais essencial, como afirmado por Vieira (2005).

Histórias como “João e Maria” e “A Bela Adormecida” exemplificam como os contos de fadas lidam com emoções complexas. “João e Maria”, segundo Bettelheim (2002), ensinam sobre superação e resiliência, enquanto “A Bela Adormecida” aborda questões de amadurecimento emocional e a importância do tempo na resolução de conflitos. Essas narrativas oferecem às crianças ferramentas para processar sentimentos como medo, abandono e expectativa, contribuindo para o fortalecimento emocional.

Por exemplo, muitas histórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai. Nestes contos a morte do progenitor cria os problemas mais angustiantes, como isto (ou medo disto) ocorre na vida real. Outras histórias falam sobre um progenitor idoso que decide que é tempo da nova geração assumir. Mas antes que isto possa ocorrer o sucessor tem que provar-se capaz e valoroso (Bettelheim, 2002, p. 14).

O autor usa as histórias de fadas como metáforas para os desafios universais enfrentados na vida. A morte de um dos pais, comum nesses contos, simboliza o medo da perda e os conflitos emocionais que surgem em momentos de transição. Da mesma forma, histórias sobre pais idosos que passam a responsabilidade para os filhos refletem o processo de amadurecimento e a necessidade de provar competência antes de assumir novos papéis.

Esses temas ressoam com a realidade humana, abordando medos, responsabilidades e o ciclo inevitável de crescimento e mudança.

As fábulas, por sua vez, distinguem-se pela concisão narrativa e pela moral explícita que encerra cada história. Lima e Rosa (2012) explicam que as fábulas utilizam animais personificados para representar comportamentos humanos, como a esperteza da raposa ou a ingenuidade do cordeiro, permitindo que as crianças assimilem lições de forma indireta e lúdica.

A fábula é uma narração alegórica, cujos personagens são, geralmente, animais, e que encerra em uma lição de caráter mitológico, ficção, mentira, enredo de poemas, romance ou drama. Contém afirmações de fatos imaginários sem intenção deliberada de enganar, mas sim de promover uma crença na realidade dos acontecimentos. A fábula seria, portanto, uma narração em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada (Lima e Rosa, 2012, p. 154)

Segundo Fernandes (2001), fábula é um gênero que, como tantos outros gêneros narrativos, registra as experiências e o modo de vida dos povos. Seu objetivo é trazer reflexões quanto a valores, tais como respeito, diferenças, amizade, companheirismo, dentre outros. Em relação à moral nas fábulas, Góes (1991) afirma:

A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias. (Góes, 1991, p. 144)

Essa simplicidade, acompanhada por mensagens éticas, é essencial para o desenvolvimento cognitivo e social. Narrativas como “A Cigarra e a Formiga” ou “A Lebre e a Tartaruga” ajudam a introduzir conceitos de persistência, trabalho em equipe e consequências das escolhas. Fernandes (2001) destaca que as fábulas, além de trazerem reflexões sobre valores morais, enriquecem a compreensão da criança sobre o comportamento humano.

Outra característica importante das fábulas é sua adaptabilidade cultural. Monteiro Lobato, por exemplo, recriou fábulas clássicas de La Fontaine com um enfoque brasileiro, trazendo maior identificação cultural às crianças (Coelho, 2009). Essa universalidade reforça o papel das fábulas como ferramentas pedagógicas para ensinar de maneira eficaz e agradável. As histórias curativas têm como foco abordar comportamentos desafiadores e promover o bem-estar emocional. São narrativas projetadas para dialogar diretamente com as necessidades individuais das crianças, utilizando metáforas e enredos simbólicos para incentivar mudanças de comportamento.

A imaginação é central no desenvolvimento socio-cognitivo e emocional das crianças. Rodrigues (2005) observa que as narrativas transcendem a ficção ao conectar as crianças com emoções reais, promovendo sua compreensão de situações abstratas e fortalecendo habilidades como empatia e resolução de conflitos.

Os contos de fadas e fábulas, por exemplo, incentivam a criança a se colocar no lugar dos personagens, enquanto as histórias curativas permitem que ela lide com seus medos e inseguranças de forma simbólica. Essas experiências não apenas enriquecem o vocabulário e a criatividade, mas também ajudam a construir bases emocionais sólidas para enfrentar desafios futuros.

Pedagogicamente, a inclusão dessas narrativas em sala de aula apresenta benefícios múltiplos. Como afirma Villardi (1997), contar histórias é uma forma de despertar o prazer pela leitura, elemento essencial para a formação de leitores críticos e criativos. Além disso, narrativas ricas ajudam a integrar conteúdos acadêmicos e valores culturais, promovendo a construção de cidadãos mais reflexivos e sensíveis. “Culturalmente, contos e fábulas oriundos de diversas tradições ensinam as crianças a reconhecer e respeitar a diversidade, enriquecendo sua compreensão do mundo” (Coelho, 2009, p. 32). Assim, o ato de contar histórias transcende a diversão e se torna um recurso essencial para o ensino e a formação do caráter.

Contos de fadas, fábulas e histórias curativas são mais do que entretenimento; são ferramentas essenciais para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. Por meio dessas narrativas, as crianças aprendem a lidar com desafios internos, compreender relações sociais e expandir seu entendimento sobre o mundo.

Essas histórias, quando utilizadas de maneira intencional por educadores e pais, oferecem um ambiente rico em aprendizado e reflexão. Elas estimulam a criatividade, fortalecem laços afetivos e ajudam na formação de indivíduos emocionalmente saudáveis e socialmente conscientes.

4.1 Contação de histórias e literatura infantil: desenvolvimento da leitura e da escrita

A contação de histórias e a literatura infantil são práticas centrais no desenvolvimento da leitura e da escrita. Elas formam a base para uma educação linguística ampla, promovendo a aquisição de habilidades essenciais que transcendem o ato de decodificar palavras. Como ressalta Paulo Freire (1989, p. 9), "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da

leitura daquele". Dessa forma, a contação de histórias oferece às crianças uma experiência que conecta a oralidade e a linguagem escrita, unindo o mundo simbólico à realidade concreta.

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através dos que os outros nos contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através desta prática, compartilhar (Craidy e Kaercher, 2001, p. 21).

Craidy e Kaercher (2001) destacam que o ato de ouvir e contar histórias é uma prática essencial e inerente à experiência humana, permeando nossas vidas desde a infância. A partir do momento em que nascemos, aprendemos não apenas com as experiências diretas e concretas que vivemos, mas também com aquelas compartilhadas por outras pessoas por meio da narrativa. Esse processo de troca de histórias é um mecanismo fundamental de aprendizado, que nos conecta ao outro e ao mundo ao nosso redor.

A citação sublinha a necessidade humana universal de narrar e compartilhar suas vivências, sentimentos, pensamentos e sonhos. Esse desejo de comunicar experiências pessoais vai além do simples relato de eventos; ele é uma forma de criar vínculos, preservar memórias e transmitir valores, conhecimentos e cultura. É dessa prática intrínseca ao ser humano que nasce a literatura, vista por Craidy e Kaercher (2001) como uma extensão do ato de narrar, mas que assume uma forma artística e elaborada.

A literatura, nesse sentido, é uma maneira de perpetuar histórias e emoções, transcender limites temporais e espaciais e criar um espaço compartilhado onde os leitores ou ouvintes podem explorar experiências e universos variados. Ela reflete o desejo humano de se comunicar e de compreender o mundo, funcionando como um elo entre indivíduos e sociedades, tanto no presente quanto ao longo da história.

Portanto, Craidy e Kaercher (2001) reforçam a ideia de que a contação de histórias é um alicerce do desenvolvimento humano, tanto no aspecto individual quanto no coletivo. É através desse compartilhamento que construímos conhecimento, identidade e cultura, e é esse mesmo impulso que deu origem à literatura como forma de expressão e conexão humana.

Embora a contação de histórias na Educação Infantil não tenha como objetivo principal alfabetizar, ela desempenha um papel importante na preparação das crianças para o processo formal de leitura e escrita. Essa etapa promove o desenvolvimento da oralidade, da imaginação, da cognição e da interação social, fundamentais para a alfabetização

significativa e prazerosa. Segundo Souza e Bernardino (2011) a contação de histórias pode transformar a leitura em uma experiência positiva e não apenas em uma tarefa rotineira, que muitas vezes distancia os alunos do prazer de ler.

O fracasso escolar no ensino fundamental se refere ao desenvolvimento do gosto da leitura e formação de leitores, que recai sobre a forma como o professor está trabalhando a relação do livro com o aluno. A literatura não está recebendo um estímulo adequado e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, e não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas, afastando o aluno do prazer de ler (Souza; Bernadino, 2011, p. 236)

Portanto, o fracasso escolar não está apenas relacionado às dificuldades escolares, mas também à falta de estímulo ao gosto pela leitura. Quando a leitura é vista apenas como uma obrigação ou tarefa, perde-se a oportunidade de formar leitores críticos e apaixonados, capazes de se engajar com os textos de maneira significativa.

O papel do professor é fundamental na mediação entre o livro e o aluno. Se o professor não consegue criar um ambiente que torne a leitura atrativa, instigante e prazerosa, o livro pode se tornar apenas mais um instrumento de avaliação, sem conexão emocional ou relevância para o aluno.

A crítica aponta que a literatura tem sido tratada de forma inadequada no contexto escolar, muitas vezes limitada a um enfoque utilitário e superficial, voltado apenas para atender exigências de provas e avaliações. Isso reduz o potencial da leitura como ferramenta de aprendizagem e prazer.

A contação de histórias é apresentada como uma solução para reverter esse cenário. Ao criar um momento lúdico e envolvente, a contação de histórias pode ajudar os alunos a estabelecerem uma relação mais prazerosa e significativa com a leitura, despertando seu interesse e curiosidade pelos livros.

Souza e Bernadino (2011) criticam a abordagem mecanizada da leitura, que transforma a literatura em um meio de cumprir objetivos escolares, em vez de uma fonte de prazer e aprendizado. Essa abordagem pode desmotivar os alunos, afastando-os da leitura ao longo do tempo.

O fracasso escolar relacionado à leitura não é apenas uma questão técnica, mas também emocional e pedagógica. Transformar a leitura em uma experiência positiva, utilizando estratégias como a contação de histórias, é essencial para formar leitores engajados e críticos, que vejam a literatura como algo relevante e prazeroso, e não apenas como uma obrigação escolar.

Ao ouvir histórias, as crianças entram em contato com a linguagem em seu uso mais

rico e variado. Além disso, a narrativa oral estimula o gosto pela leitura e a curiosidade pelo universo dos livros, fatores essenciais para a formação de leitores críticos e criativos. Essa prática inicial facilita o reconhecimento de padrões textuais e prepara o terreno para uma transição mais natural e significativa para a leitura e a escrita.

A literatura infantil tem um papel central na introdução da escrita às crianças. Contos, fábulas, poemas e outros gêneros literários são ferramentas poderosas para familiarizar as crianças com diferentes estilos e estruturas textuais. Como destaca o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

A presença da literatura infantil na Educação Infantil introduz a criança na escrita: além do desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo, a leitura de histórias, contos, fábulas, poemas e cordéis, entre outros, realizada pelo professor, o mediador entre os textos e as crianças, propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como representação da oralidade (Brasil, 2017, p. 38).

Destaca-se a importância da literatura infantil na Educação Infantil no processo de alfabetização como um meio de apropriação da escrita. Através da leitura de diversos gêneros literários pelo professor, que atua como mediador, as crianças desenvolvem o gosto pela leitura, estimulam a imaginação e ampliam seu conhecimento de mundo. Além disso, a prática ajuda as crianças a se familiarizarem com os livros, diferenciar entre ilustrações e texto, entender a direção da escrita e aprender a manusear livros corretamente.

No contato com os textos, as crianças começam a formular hipóteses sobre a escrita, que inicialmente se manifestam em rabiscos e desenhos (garatujas) e, com o tempo, evoluem para escritas espontâneas. Mesmo que não sejam convencionais, essas tentativas demonstram que elas começam a compreender a escrita como uma representação da fala. Ressalta-se, assim, a importância da literatura infantil no desenvolvimento da alfabetização de forma lúdica e significativa.

A interação com livros, sejam eles narrados ou ilustrados, permite que as crianças compreendam elementos como a direção da escrita, a relação entre texto e imagem e a função social da literatura.

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se a vivenciasse, estes sentimentos permitem que esta pela imaginação exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, esta interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente (Souza; Bernardino, 2011, p. 240).

A interação com histórias permite que a criança experimente emoções profundas, como se estivesse vivendo as situações narradas. Essas emoções ajudam-na a desenvolver habilidades para resolver problemas cotidianos por meio da imaginação. Além disso, essa interação estimula diversas formas de expressão e criatividade, como desenho, música, teatro, escrita e brincadeiras. O contato com os livros e suas narrativas despertam ainda o interesse pela leitura e pelo retorno a essas experiências enriquecedoras.

Além disso, a literatura infantil brasileira, influenciada por autores como Monteiro Lobato, Ruth Rocha e Ana Maria Machado, apresenta histórias que dialogam com a realidade e a cultura das crianças. Essas narrativas proporcionam não apenas entretenimento, mas também oportunidades para a exploração de emoções, conflitos e valores sociais. Esse repertório contribui para a ampliação do vocabulário, a formação do pensamento crítico e o estímulo à criatividade.

As práticas de contação de histórias e leitura literária infantil compartilham características que as tornam complementares. A oralidade, por sua natureza imediata e dinâmica, estabelece uma conexão emocional direta entre o narrador e a audiência. Segundo Matos e Sorsy (2009, p. 6-7)

Quando a comunicação se dá através da palavra oral, nosso centro de percepção é o auditivo. Uma característica da percepção auditiva é que ela nos proporciona a experiência de unidade. O som nos invade por todos os lados e passa através de nós. Todo o nosso corpo é uma unidade auditiva, porque estamos no centro do campo sonoro. Experimente! Ouça uma música e tente perceber como ela envolve seu corpo inteiro, observe como você e o ambiente se integram numa unidade, porque o som preenche também o ambiente a sua volta. Essa característica é responsável pelo sentimento de 'estar junto' de um auditório.

A comunicação oral ativa a percepção auditiva proporcionam uma experiência de unidade. O som, ao envolver todo o corpo e o ambiente, cria uma sensação de integração entre a pessoa e o espaço ao redor. Essa característica do som gera o sentimento de conexão e proximidade, como o que se sente em um auditório ao compartilhar a mesma experiência sonora com outras pessoas. Essa vivacidade transforma a narrativa em uma experiência sensorial e emocional completa, que instiga a imaginação e o prazer pela linguagem.

Já a leitura de textos escritos, como destaca o mesmo autor, promove uma introspecção reflexiva, permitindo que o leitor construa uma relação individualizada com o texto. Embora a leitura seja um ato mais solitário, ela amplia o entendimento sobre a riqueza da linguagem e sobre a estrutura literária. Por isso, ambas as práticas devem ser vistas como complementares, atendendo a diferentes necessidades e momentos do desenvolvimento infantil.

Uma das contribuições mais significativas da contação de histórias é o estímulo à

produção escrita. Ao ouvir histórias, as crianças não apenas aprendem sobre a estrutura narrativa, mas também são motivadas a criar suas próprias narrativas. Essa prática, inicialmente oral, evolui para a escrita de rabiscos e garatujas, que mais tarde se transformam em textos espontâneos. Como afirma o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, "as crianças constroem hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas" (Brasil, 1998, p. 38).

O ato de narrar ou recontar histórias ajuda as crianças a desenvolverem habilidades como organização de ideias, uso da linguagem descritiva e construção de enredos. Além disso, o contato com diferentes estilos narrativos enriquece a capacidade de expressão e a formação de repertórios literários, que são fundamentais para o desenvolvimento da escrita criativa.

A literatura infantil também desempenha um papel significativo na construção de uma visão de mundo ampla e sensível. Narrativas como as de Ziraldo e Lygia Bojunga abordam temas como diversidade, inclusão e meio ambiente, proporcionando uma reflexão sobre questões sociais e culturais. Essas histórias ajudam as crianças a compreenderem diferentes perspectivas e a desenvolverem empatia e valores éticos.

Além disso, a literatura infantil promove o encontro entre o real e o imaginário, permitindo que as crianças explorem possibilidades e vivenciem situações que ultrapassam sua experiência cotidiana. Esse movimento entre realidade e fantasia é essencial para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de resolver problemas.

Em tempos de transformação digital, a contação de histórias se reinventa ao incorporar novas tecnologias. Aplicativos interativos, vídeos narrativos e plataformas digitais oferecem recursos que tornam a narrativa ainda mais envolvente para as crianças nativas digitais. Entretanto, como destacam Craidy e Kaercher (2001), o uso da tecnologia não deve substituir a interação humana, mas sim complementar e enriquecer a prática de contar histórias.

O professor, nesse contexto, assume o papel de mediador, utilizando tanto os recursos tradicionais quanto os digitais para criar uma experiência narrativa rica e diversificada. Essa combinação de abordagens fortalece a conexão das crianças com o universo literário e expande suas possibilidades de aprendizado.

A contação de histórias e a literatura infantil são pilares fundamentais no desenvolvimento da leitura e da escrita. Elas oferecem às crianças não apenas ferramentas linguísticas, mas também emocionais e sociais, promovendo uma educação integral. Ao

integrar essas práticas no ambiente escolar de forma planejada e intencional, os educadores podem transformar o processo de ensino-aprendizagem em uma experiência enriquecedora e significativa.

Assim, é essencial valorizar e expandir o uso dessas práticas, reconhecendo seu potencial para formar leitores críticos, escritores criativos e cidadãos conscientes. Seja através da narrativa oral ou da leitura de livros, o objetivo final é despertar nas crianças o amor pela literatura e pela linguagem, ajudando-as a construir um futuro repleto de possibilidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias na Educação Infantil se destaca como uma prática pedagógica de valor inestimável, sendo capaz de ir além do entretenimento para se tornar uma ferramenta essencial no desenvolvimento integral das crianças. Este trabalho demonstrou como essa prática, enraizada na oralidade e nas tradições culturais, pode promover avanços cognitivos, emocionais e sociais desde os primeiros anos de vida.

Por meio das narrativas literárias, as crianças têm a oportunidade de explorar mundos imaginários, enfrentar desafios simbólicos e desenvolver habilidades fundamentais, como a criatividade, o pensamento crítico e a empatia. Histórias, como contos de fadas e fábulas, desempenham um papel significativo na formação de valores e na compreensão do mundo ao seu redor. Além disso, as histórias curativas contribuem para que as crianças enfrentem medos e inseguranças, promovendo o bem-estar emocional.

A pesquisa também evidenciou a importância do professor como mediador e narrador, destacando a necessidade de uma formação adequada para que ele possa selecionar, adaptar e apresentar as histórias de forma intencional e significativa. Recursos como fantoches, livros ilustrados e até mesmo ferramentas tecnológicas podem enriquecer a experiência narrativa, ampliando seu impacto educacional.

Por fim, conclui-se que a contação de histórias deve ser incorporada ao cotidiano escolar de maneira planejada e interdisciplinar, dialogando com diferentes áreas do conhecimento. Essa prática, além de facilitar a aprendizagem, desperta o prazer pela leitura e fortalece os vínculos entre educadores e alunos, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva, significativa e transformadoras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: Abril, 1995.
- BASTOS, C. L. KELLER, V. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília-DF: MEC 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rnei_vol1.pdf. Acesso em: 31 jan. 2025.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. 3. ed. São Paulo: Quíron, 2009.
- FERNANDES, Monica Teresinha Ottoboni Sucar. **Fábula: trabalhando com os gêneros do discurso**. São Paulo: FTD, 2001.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.
- LEONTIEV, Aléxis. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e**

aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988, p. 59-83.

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista Brasileira de Educação.** Universidade Católica de Goiás. n° 27 Set/Out/Nov/Dez, 2004, p. 05-24. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ZMN47bVm3XNDsJKyJvVqtx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 19 maio 2025.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas da. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. **Cippus - revista de iniciação científica**, v. 1 n. 1, 2012, p. 153-169. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Cippus/article/view/350/289>. Acesso em: 17 dez. 2024.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados. Ed. rev. ampla. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

MATOS, G. A; SORSY, I. **O ofício do contador de histórias:** perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Patrícia Dauhali Clemente Guimarães. A importância do resgate de mitos e lendas regionais na educação infantil. **Instituto Saber de Ciências Integradas Revista Científica.** n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.isciweb.com.br/revista/270-a-importancia-do-resgate-de-mitos-e-lendas-regionais-na-educacao-infantil>. Acesso em 24 abr. 2025.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. **Revista Educere et Educare**, v. 6, n. 12, jul./ dez., 2011, p. 235-249. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>. Acesso em: 21 fev. 2025.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. In: **Revista Criança - do Professor de Educação Infantil**, v. 38, p. 10, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rev_crian_38.pdf Acesso em: 29. nov. 2024.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler:** formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.